

I

Tu e Confúcio, ambos, são sonhos, e eu, que o afirmo, também o sou. O que é um paradoxo. Amanhã, talvez um homem inteligente o consiga explicar; esse amanhã não será senão daqui a dez mil gerações.

Chuang Tse: II

Levada pela corrente, batida pelas ondas, arrastada pela imensidão do oceano, a alforreca é impelida para o abismo onde a luz não consegue penetrar. Levada, batida, arrastada não se sabe de onde nem para onde, porque no mar alto não há limites senão mais perto e mais longe, mais alto e mais baixo, a alforreca baloiça; os seus movimentos são leves e repetidos, tal como as marés se movimentam ao ritmo dos dias. Baloiçando, pulsando, a criatura mais vulnerável e insubstancial tem como defesa a violência e o poder de todo o oceano, ao qual confiou a sua existência, o seu futuro e a sua vontade.

Mas eis que se erguem os implacáveis continentes. Os bancos de areia e os penhascos elevam-se abruptamente no ar, nesse ar seco e terrível, cheio de radiações e de instabilidade, onde a vida é impossível. E agora as correntes e as ondas confundem-se quebrando o seu interminável ciclo, acabando em espuma de encontro às rochas, quebrando...

Que vai fazer na areia seca e à luz do dia aquele ser que pertence ao mar? Que pensará o espírito, todas as manhãs, quando desperta?

As suas pálpebras tinham sido consumidas, por isso não podia fechar os olhos, e a luz penetrava-lhe no cérebro, queimando. Não podia voltar a cabeça porque bocados de betão lhe impediam os movimentos, assim como as vigas de aço que saíam dos interiores lhe apertavam a cabeça como num torno. Quando estes desapareceram pôde mexer-se novamente; sentou-se. Encontrava-se nos degraus de cimento; um dente-de-leão floriu perto da sua mão, crescendo através de uma pequena fenda dos degraus. Passado um pouco pôs-se em pé mas, assim que o fez, sentiu-se terrivelmente enjoado, e sabia que era o enjoo provocado pelas radiações. A porta estava apenas a dois passos de si, porque a cama insuflável quase enchia o quarto. Alcançou a porta, abriu-a e saiu. Lá fora, estendia-se o interminável corredor de linóleo, agitando-se ligeiramente para cima e para baixo por quilómetros, e ao fundo, muito longe, ficava a casa de banho dos homens. Dirigiu-se para lá, tentando segurar-se à parede, mas não havia nada a que pudesse segurar-se, e a parede transformou-se no chão.

— Devagar. Calma.

Por cima dele, suspensa, como uma lanterna chinesa, estava a cara do guarda do elevador, pálida, com uma franja grisalha.

— São as radiações — disse, mas Mannie não parecia compreendê-lo, dizendo apenas: — Tenha calma.

Viu-se, de novo, transportado para a cama.

— Está bêbedo?

— Não.

— Está drogado?

— Enjoado.

— Que andou a tomar?

— Não conseguia encontrar a chave — retorquiu, querendo dizer que estivera a tentar fechar a porta por onde entravam os sonhos, mas que nenhuma chave servia naquela fechadura.

— O médico está no décimo quinto andar e já aí vem — disse Mannie, lá longe, através da rebentação das ondas.

Ele estava arquejante e tentava respirar. Um estranho encontrava-se sentado na sua cama, segurava uma seringa e olhava para ele.

— Desta safou-se — disse o estranho. — Está a voltar a si. Sente-se muito mal? Tenha calma. Deve sentir-se muito mal. Tomou isto

tudo duma só vez? — E mostrou sete pequenos invólucros plásticos do dispensário móvel. — Que mistura terrível, barbitúricos e Dextrina. Que tentou fazer a si próprio?

Era difícil respirar, mas o enjoo desaparecera, permanecendo apenas uma terrível sensação de fraqueza.

— Têm todos a data desta semana — prosseguiu o médico, um jovem de rabo-de-cavalo castanho e com dentes feios. — O que significa que não foram requisitados só com o seu Cartão do Dispensário, por isso, tenho de fazer queixa de si por usar o de outras pessoas. Não é que goste, mas fui chamado e não tenho outra hipótese. Mas não se preocupe, só com estas drogas não é acusado de crime, vai ser chamado à polícia e eles mandam-no para o hospital ou para uma consulta da especialidade para ser examinado, e de lá enviam-no para um médico ou para um psiquiatra para fazer TTV... Tratamento Terapêutico Voluntário. Já preenchi os seus impressos, utilizei o seu Cartão de Identidade; só preciso saber há quanto tempo anda a tomar estas drogas numa quantidade maior do que a que lhe é permitida?

— Há já alguns meses.

O médico escreveu num papel que tinha sobre os joelhos.

— E a quem pediu emprestados os Cartões do Dispensário?

— A amigos.

— Tenho de saber os nomes.

Passado um pouco, o médico disse:

— Só um nome. É apenas uma formalidade. Eles não se vão meter em sarilhos. Só vão levar uma repreensão da polícia, e o Ministério da Saúde, Educação e Bem-Estar (MSEBE) controlará durante um ano os seus Cartões do Dispensário. É apenas uma formalidade. Diga-me um nome.

— Não posso. Eles estavam a tentar ajudar-me.

— Se não me dá os nomes, é porque não está a colaborar, e vai parar à cadeia ou então a uma instituição de Terapia Obrigatória. De qualquer modo, eles conseguem detectar os cartões através dos registos do dispensário, se o quiserem fazer. Isto apenas lhes poupa tempo. Vá lá, diga-me só um nome.

Ele tapou a cara com os braços para se proteger daquela luz terrível e disse:

— Não posso. Não posso fazer isso. Preciso de ajuda.

— Ele usou o meu cartão — disse o guarda do elevador. — Está aqui. Mannie Ahrens, 247-602-6023. — O médico continuou a escrever.

— Nunca me servi do seu cartão.

— Mas então confunda-os um pouco. Eles não vão verificar. As pessoas estão sempre a usar os cartões umas das outras, eles não conseguem controlar. Estou sempre a emprestar o meu e a usar outros. Já tenho uma série de repreensões. Eles não sabem. Tomo coisas de que o MSEBE nunca *ouviu* falar. Além disso, você nunca esteve preso. Tenha calma, George.

— Não posso — retorquiu, querendo dizer que não podia permitir que Mannie sofresse as consequências por sua causa, que mentisse por ele, que não podia ter calma, que não podia continuar.

— Vai sentir-se melhor dentro de duas ou três horas — disse o médico. — Mas, por hoje, deixe-se ficar aqui. De qualquer modo, no centro está tudo engarrafado. Os maquinistas do G.P.R.T. estão a ver se fazem novamente greve, a Guarda Nacional está a tentar controlar o metropolitano e os noticiários dizem que é uma embrulhada dos diabos. Deixe-se ficar. Tenho de ir, vou trabalhar e nem quero pensar que, daqui a dez minutos, tenho de lá estar em baixo, em Macadam, naquele bairro social. — A cama estremeceu quando ele se levantou. — Você sabe que existem naquele bairro duzentas e sessenta crianças que sofrem de inanição? Que pertencem todas a famílias de baixos rendimentos ou com subsídio de desemprego, e que não têm qualquer espécie de proteínas na alimentação? E que eu não sei o que hei-de fazer? Já pedi de cinco maneiras diferentes um mínimo proteico para aquelas crianças e ele não vem, é tudo conversa fiada e desculpas. Continuam a dizer-me que as pessoas com aquele subsídio podem comprar comida que chegue. Certo, mas se não há comida para comprar? Ah, que raio. Vou dar-lhes injeções de vitamina C e finjo que a fome é escorbuto...

A porta fechou-se. A cama estremeceu quando Mannie se sentou no lugar do médico. Havia um cheiro vago, adocicado, como que a relva acabada de cortar. De olhos fechados, no escuro, uma névoa levantava-se em redor, ouviu Mannie dizer lá longe:

— Não é bestial estar vivo?

II

O acesso a Deus é a não-existência.

Chuang Tse: XXIII

O consultório do Dr. William Haber não tinha qualquer vista para o monte Hood. Era uma sala interior alugada no sexagésimo terceiro andar de Willamette East Tower e não tinha vista para lado algum, mas uma das paredes ostentava uma enorme fotografia do monte Hood que o Dr. Haber fixava atentamente enquanto falava pelo intercomunicador com a sua recepcionista.

— Quem é este Orr que vem aí, Penny? É o histérico com sintomas de lepra?

Ela estava ali mesmo, do outro lado da parede, mas um intercomunicador, assim como um diploma na parede, inspiram confiança ao doente assim como ao médico. E não é próprio de um psiquiatra abrir a porta e gritar: «O doente que se segue!»

— Não, doutor, esse é Mr. Green que vem amanhã às dez. Este é mandado pelo Dr. Walters da Faculdade de Medicina, um caso TTV.

— Abuso de droga. Certo. Tenho aqui a ficha. O.K., quando chegar mande-o entrar.

Enquanto falava, ouviu o elevador a subir e a parar, as portas a abrirem-se; a seguir, passos, hesitação e a porta lá de fora a abrir-se. E, dado que estava a prestar atenção, também ouviu portas, máquinas de escrever, vozes, autoclismos, em todas as salas que o rodeavam. O segredo estava em aprender a não os ouvir. Os úni-

cos compartimentos seguros que restavam encontravam-se dentro da cabeça.

Agora, Penny estava a preencher a ficha de rotina com o doente e, enquanto esperava, o Dr. Haber olhava outra vez com atenção para a fotografia da parede e tentava adivinhar a altura em que fora tirada. Céu azul, neve desde as encostas até ao cimo. Há vários anos, nos anos sessenta ou setenta, sem dúvida. O efeito de estufa fora bastante gradual, e Haber, que nascera em 1962, conseguia lembrar-se perfeitamente dos céus azuis da sua infância. Hoje em dia, as neves eternas haviam desaparecido de todas as montanhas do mundo, até mesmo do Evereste, até do Erebo, em erupção na perdida costa da Antárctida. Mas podiam muito bem ter pintado uma fotografia recente, fingindo o céu azul e o pico branco; não havia como saber.

— Boa tarde, Mr. Orr! — disse ele, levantando-se e sorrindo, mas sem cumprimentar, porque muitos doentes, nesta altura, tinham horror ao contacto físico.

O doente estendeu hesitantemente a mão, mexendo com nervosismo no fio que tinha ao pescoço, e disse: — Como está? — O fio era a vulgar corrente de aço prateada. Maneira de vestir vulgar, tipo empregado de escritório: o clássico corte de cabelo pelo ombro, barba curta, cabelo e olhos claros, de pequena estatura, ligeiramente raquítico, saudável, entre os vinte e oito e os trinta e dois anos. Pacato, calmo, tímido, reprimido, convencional. O período de relacionamento mais válido com o doente, dizia muitas vezes Haber, são os primeiros dez segundos.

— Sente-se, Mr. Orr. Muito bem! Fuma? Os de filtro castanho são tranquilizantes, os brancos são calmantes. — Orr não fumava. — Agora, vamos ver se conhecemos o seu caso. O MBESE quer saber porque andou a usar os Cartões do Dispensário dos seus amigos a fim de obter mais anfetaminas e sedativos do que aqueles a que tinha direito. Certo? Por isso mandaram-no lá para cima e eles recomendaram-lhe Tratamento Terapêutico Voluntário e enviaram-no para mim para fazer esse tipo de terapia. Tudo certo?

Prestou atenção ao seu próprio discurso, cordial, fácil, bem calculado para pôr a outra pessoa à vontade; mas esta estava muito longe de estar à vontade. Pestanejava frequentemente, a postura demons-

trava tensão e a posição das mãos era mais que formal: um quadro clássico de ansiedade reprimida. E acenava com a cabeça como se, ao mesmo tempo, estivesse a engolir.

— O.K., ótimo, condiz tudo. Se estivesse a guardar os seus comprimidos para os vender a drogados ou para cometer algum homicídio, então estava em maus lençóis. Mas como simplesmente os tomou, o seu castigo limitar-se-á a algumas sessões comigo! Agora, sem dúvida que quero saber *por que razão* os tomou, para que em conjunto lhe consigamos arranjar um padrão de vida melhor que, por um lado, o consiga manter dentro dos limites impostos pelo seu próprio Cartão do Dispensário, e que talvez, por outro, o possa libertar da dependência de qualquer droga. Agora, quanto ao seu caso — consultou por um momento as indicações enviadas pela Faculdade de Medicina —, tomou durante algumas semanas barbitúricos, a seguir tomou durante algumas noites dextroanfetamina e, depois, voltou novamente aos barbitúricos. Como é que isto começou? Insónias?

— Eu durmo bem.

— Mas tem pesadelos.

O homem olhou para ele amedrontado: um clarão de autêntico terror. Ia ser um caso simples. Ele não tinha defesas.

— Mais ou menos isso — disse, com voz rouca.

— Foi fácil de adivinhar, Mr. Orr. Eles enviam-me normalmente as pessoas que sonham. — E riu sarcasticamente para o pobre homem. — Sou especialista em sonhos. Um onirolologista. Mais precisamente, o sono e o sonho são a minha especialidade. O.K., a seguir deduzo que utilizou os fenobarbitúricos para deixar de sonhar, mas viu que, com a habituação, o efeito redutor era cada vez menor, até que deixaram de fazer qualquer efeito. Aconteceu o mesmo com a Dexedrina. Então, alternou-os. Certo?

O doente aquiesceu com firmeza.

— Porque tomava cada vez menos Dexedrina?

— Deixava-me sobressaltado.

— Pois claro que sim. E esta última mistura que tomou era pólvora. Em si, não era perigosa. No entanto, Mr. Orr, fez algo de muito perigoso. — Calou-se para ver o efeito. — Esteve a privar-se de sonhar.